

CASTELLO, José. Vinicius de Moraes: o poeta da paixão, uma biografia. 2ª edição. SP: Cia das Letras, 1994. 456 p.

Ana Crhistina Vanali¹

- Enviado em 01.10.2015
- Aprovado em 03.07.2016

Polêmico, boêmio e conquistador. Vinicius de Moraes, o "Poetinha", morria há 35 anos em 9 de julho de 1980. O biógrafo de Vinicius, José Castello², autor do livro "*Vinicius de*

¹ Graduada em Ciências Sociais pela UFPR. Especialista em Sociologia Política pela UFPR. Mestre em Antropologia Social pela UFPR. Doutoranda em Sociologia pela UFPR. Bolsista CAPES/PDES na Universidade Nova de Lisboa. Endereço eletrônico: anacvanali@yahoo.com.br

² José Guimarães Castello Branco (Rio de Janeiro RJ 1951). Biógrafo, crítico literário, cronista, romancista e jornalista. De ascendência nordestina, seu pai, José Ribamar Martins Castello Branco vem de Parnaíba, Piauí, para viver no Rio de Janeiro. José Castello realiza seus estudos no Rio de Janeiro. Mestre em comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, inicia sua carreira jornalística na década de 1970. Na segunda metade da década de 1980, afirma-se como produtor de críticas, reportagens e resenhas literárias para o *Jornal do Brasil* e para *O Estado de S. Paulo*. Escreve livros sobre a vida dos poetas Vinicius de Moraes (1913 - 1980) e João Cabral de Melo Neto (1920 - 1999). No livro sobre Cabral, Castello rompe os parâmetros da biografia tradicional, e entrelaça a pesquisa com o contato pessoal. Esse caminho é seguido também no livro *Inventário das Sombras*, em que o autor vai além das entrevistas, buscando um retrato intelectual dos escritores José Saramago (1922 - 2010), Clarice Lispector (1925 - 1977), Alain Robbe-Grillet (1922), Adolfo Bioy Casares (1914 - 1999), Manoel de Barros (1916) e Nelson Rodrigues (1912 - 1980), além de relatos dos encontros com o jornalista João Rath (1954) e o artista plástico Arthur Bispo do Rosário (1909 - 1989). Tanto em suas resenhas críticas quanto em suas crônicas e retratos biográficos, apresenta como característica o abrandamento dos limites entre ficção e ensaio, conferindo aos documentos e testemunhos uma visão particular da literatura da pessoa retratada. Em 2001 aventura-se na ficção com *Fantasma*, inicialmente um projeto de perfil cultural da cidade de Curitiba, que se torna uma ficção de suspense ambientada na capital paranaense, onde Castello reside desde 1994. Em 2007, publica *A Literatura na Poltrona*, resultado de suas experiências com oficinas literárias e de jornalismo cultural. Conforme <http://oglobo.globo.com/blogs/literatura/aliteraturanapoltrona/josecastello> acessado em 17 de janeiro de 2014.

Obras do autor

- (1993) *Vinicius de Moraes: O Poeta da Paixão*, Companhia das Letras
- (1996) *Na Cobertura de Rubem Braga*, José Olympio
- (1996) *Vinicius de Moraes: Uma Geografia Poética*, Relume-Dumará/Rioarte
- (1996) *João Cabral de Melo Neto: O Homem sem Alma*, Editora Rocco
- (1999) *O Inventário das Sombras*, Record
- (2001) *Fantasma*, Record
- (2003) *As melhores crônicas de José Castello*, Global Editora

Moraes: o Poeta da Paixão - uma biografia" nos diz que o poeta foi um homem que viveu para se ultrapassar e para se desmentir. Para se entregar totalmente e fugir, depois, em definitivo. Para jogar, enfim, com as ilusões e com a credulidade, por saber que a vida nada mais é que uma forma encarnada de ficção. Foi, antes de tudo, um apaixonado — e a paixão, sabemos desde os gregos, é o terreno do indomável. Daí porque fazer sua biografia era obra ingrata.

Dele disse Carlos Drummond de Andrade: "Vinicius é o único poeta brasileiro que ousou viver sob o signo da paixão. Quer dizer, da poesia em estado natural". "Eu queria ter sido Vinicius de Moraes". Otto Lara Resende assim o definiu: "Manuel Bandeira viveu e morreu com as raízes enterradas no Recife. João Cabral continua ligado à cana-de-açúcar. Drummond nunca deixou de ser mineiro. Vinicius é um poeta em paz com a sua cidade, o Rio. É o único poeta carioca". Mas ele dizia nada mais ser que "um labirinto em busca de uma saída".

O que torna Vinicius um grande poeta é a percepção do lado obscuro do homem. E a coragem de enfrentá-lo. Parte, desde o princípio, dos temas fundamentais: o mistério, a paixão e a morte. Quando deixa a poesia em segundo plano para se tornar *show-man* da MPB, para viver nove casamentos, para atravessar a vida viajando, Vinicius está exercendo, mais que nunca, o poder que Drummond descreve, sem conseguir dissimular sua imensa inveja: "Foi o único de nós que teve a vida de poeta".

Marcus Vinitius da Cruz e Mello Moraes aos nove anos de idade parece que pressente o poeta: vai, com a irmã Lygia ao cartório na Rua São José, centro do Rio, e altera seu nome para Vinicius de Moraes. Nascido em 19 de outubro de 1913, na Rua Lopes Quintas, 114 — bairro da Gávea, no Rio de Janeiro, desde cedo demonstra seu pendor para a poesia. Criado por sua mãe, Lydia Cruz de Moraes, que, dentre outras qualidades, era pianista, e ao lado do pai, Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, funcionário público e poeta, Vinicius cresce morando em

-
- (2004) *Pelé: Os Dez Corações do Rei*, Ediouro/Sinergia
 - (2007) *A Literatura na Poltrona*, Record
 - (2010) *Ribamar*, Bertrand Brasil

diversos bairros do Rio, infância e juventude depois contadas em seus versos, que refletiam o pensamento da geração de 1940 em diante.

Em 1916, a família muda-se para a rua Voluntários da Pátria, 129, no bairro de Botafogo, passando a residir com os avós paternos, Maria da Conceição de Mello Moraes e Anthero Pereira da Silva Moraes. No ano seguinte mudam-se para a rua da Passagem, 100, no mesmo bairro. Nasce seu irmão Helius. Com a irmã Lydia, passa a frequentar a escola primária Afrânio Peixoto, à rua da Matriz. Em 1920, por disposição de seu avô materno, é batizado na maçonaria, cerimônia que lhe causaria grande impressão. Após três outras mudanças, em 1922 a família transfere-se para a Ilha do Governador, na praia de Cocotá. Faz sua primeira comunhão na Matriz da rua Voluntários da Pátria, no ano seguinte, em 1924, inicia o Curso Secundário no Colégio Santo Inácio, na rua São Clemente. Começa a cantar no coro do colégio nas missas de domingo, criando fortes laços de amizade com seus colegas Moacyr Veloso Cardoso de Oliveira e Renato Pompéia da Fonseca Guimarães, este sobrinho de Raul Pompéia. Participa, como ator, em peças infantis. Torna-se amigo dos irmãos Paulo e Haroldo Tapajós, em 1927, com os quais começa a compor. Com eles, e alguns colegas do colégio, forma um pequeno conjunto musical que atua em festinhas, em casas de famílias conhecidas.

Compõe, no ano seguinte, com os irmãos Tapajós, "Loura ou morena" e "Canção da noite", que têm grande sucesso. Nessa época, namora invariavelmente todas as amigas de sua irmã Laetitia. A família volta a morar na rua Lopes Quintas em 1929, ano em que Vinicius bacharela-se em Letras no Santo Inácio. No ano seguinte entra para a faculdade de Direito da rua do Catete, sem vocação especial. Defende tese sobre a vinda de d. João VI para o Brasil, para ingressar no "Centro Acadêmico de Estudos Jurídicos e Sociais" (CAJU), tornando-se amigo de Otávio de Faria, San Thiago Dantas, Thiers Martins Moreira, Antônio Galloti, Gilson Amado, Hélio Viana, Américo Jacobina Lacombe, Chermont de Miranda, Almir de Andrade e Plínio Doyle. Em 1931, entra para o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR). Forma-se em Direito e termina o Curso de Oficial da Reserva, em 1933. Estimulado por Otávio de Faria, publica seu primeiro livro, *O caminho para a distância*, na Schimidt Editora. *Forma e exegese*, seu livro de poesias lançado em 1935, ganha o prêmio Felipe d'Oliveira.

Em 1936, substitui Prudente de Moraes Neto como representante do Ministério da Educação junto à Censura Cinematográfica. Publica, em separata, o poema "Ariana, a mulher". Conhece o poeta Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, dos quais se torna amigo. Em 1938, é agraciado com a primeira bolsa do Conselho Britânico para estudar língua e literatura inglesas na Universidade de Oxford, para onde parte em agosto daquele ano. Trabalha como assistente do programa brasileiro da BBC. Conhece, então, na casa de Augusto Frederico Schmidt, o poeta e músico Jayme Ovalle, de quem se tornaria um dos maiores amigos. Instado por outro grande amigo, Otávio de Faria, a se tornar um poeta mais com os pés no chão, e não o "*inquilino do sublime*" como então, o chamou, lança *Novos Poemas*. Seguindo esta mesma linha, são lançados, posteriormente, *Cinco Elegias*, em 1943, e *Poemas, Sonetos e Baladas*, escrito em 1946, que já começam a mostrar o poeta sensual e lírico, mas, como ele próprio disse, um "*poeta do cotidiano*".

No ano seguinte, casa-se por procuração com Beatriz Azevedo de Mello (a Tati). No final desse ano, retorna ao Brasil devido à eclosão da II Grande Guerra. Parte da viagem é feita em companhia de Oswald de Andrade. O ano de 1940 marca o nascimento de sua primeira filha, Suzana. Torna-se amigo de Mário de Andrade. Estreia como crítico de cinema e colaborador no Suplemento Literário do jornal "A Manhã", em companhia de Cecília Meireles, Manuel Bandeira e Afonso Arinos de Melo Franco, sob a orientação de Múcio Leão e Cassiano Ricardo, em 1941.

Em 1942, nasce seu filho Pedro. Favorável ao cinema silencioso, Vinicius inicia um debate sobre o assunto com Ribeiro Couto, que depois se estende à maioria dos escritores brasileiros mais em voga, e do qual participam Orson Welles e madame Falconetti. A convite do então prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek, chefia uma caravana de escritores brasileiros àquela cidade, onde se liga por amizade a Hélio Pelegrino, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino e Otto Lara Resende. Juntamente com Rubem Braga e Moacyr Werneck de Castro, inicia a roda literária do Café Vermelhinho, no Rio de Janeiro, à qual se misturam a maioria dos jovens arquitetos e artistas plásticos da época, como Oscar Niemeyer, Carlos Leão, Afonso Reidy, Jorge Moreira, José Reis, Alfredo Ceschiatti, Santa Rosa, Pancetti, Augusto Rodrigues, Djanira e Bruno Giorgi, entre outros. Conheceu a escritora argentina Maria Rosa

Oliveira e, através dela, Gabriela Mistral. Frequenta as domingueiras na casa de Aníbal Machado. Ainda nesse ano, faz extensa viagem ao Nordeste do Brasil acompanhando o escritor americano Waldo Frank, a qual muda radicalmente sua visão política, tornando-se um antifascista convicto. Na estada em Recife, conhece o poeta João Cabral de Melo Neto, de quem se tornaria, depois, grande amigo. No ano seguinte, ingressa, por concurso, na carreira diplomática. Publica *Cinco Elegias* em edição mandada fazer por Manuel Bandeira, Aníbal Machado e Otávio de Faria.

Dirige, em 1944, o Suplemento Literário de "O Jornal", onde lança, entre outros, Pedro Nava, Francisco de Sá Pires, Oscar Niemeyer, Carlos Leão, Marcelo Garcia e Lúcio Rangel, em colunas assinadas, e publica desenhos de artistas plásticos até então pouco conhecidos, como Athos Bulcão, Maria Helena Vieira da Silva, Alfredo Ceschiatti, Carlos Scliar, Eros (Martin) Gonçalves e Arpad Czenes. Em 1945, um grande susto: sofre grave desastre de avião na viagem inaugural do hidro "Leonel de Marnier", perto da cidade de Rocha, no Uruguai. Em sua companhia estão Aníbal Machado e Moacyr Werneck de Castro. Colabora com vários jornais e revistas, como articulista e crítico de cinema. Escreve crônicas diárias para o jornal "Diretrizes". Faz amizade com o poeta chileno Pablo Neruda.

No ano de 1946, assume seu primeiro posto diplomático: vice-cônsul do Brasil em Los Angeles, Califórnia (EUA). Ali permanece por quase cinco anos, sem retornar ao seu país. Publica, em edição de luxo, com ilustrações de Carlos Leão, seu livro, *Poemas, sonetos e baladas*. Vinicius, amante da sétima arte, inicia seus estudos de cinema com Orson Welles e Gregg Toland. Lança, com Alex Viany, a revista *Filme*, em 1947. Em 1949, João Cabral de Melo Neto tira, em sua prensa manual, em Barcelona, uma edição de cinquenta exemplares de seu poema *Pátria Minha*. Visita o poeta Pablo Neruda, no México, que se encontrava gravemente enfermo. Ali conhece o pintor Diogo Siqueiros e reencontra o pintor Di Cavalcanti. Morre seu pai. Volta ao Brasil, em 1950.

No ano seguinte, casa-se, pela segunda vez, com Lila Maria Esquerdo e Bôscoli. A convite de Samuel Wainer, começa a colaborar no jornal "Última Hora", como cronista diário e posteriormente crítico de cinema. Em 1952, é nomeado delegado junto ao Festival de Punta del Este, fazendo paralelamente sua cobertura para "Última Hora". Terminado o evento, parte

para a Europa, encarregado de estudar a organização dos festivais de cinema de Cannes, Berlim, Locarno e Veneza, no sentido da realização do Festival de Cinema de São Paulo, dentro das comemorações do IV Centenário da cidade. Em Paris, conhece seu tradutor francês, Jean Georges Rueff, com quem trabalha, em Estrasburgo, na tradução de suas *Cinco Elegias*. Sob encomenda do diretor Alberto Cavalcanti, com seus primos Humberto e José Francheschi, visita, fotografa e filma as cidades mineiras que compõem o roteiro do Aleijadinho, com vistas à realização de um filme sobre a vida do escultor.

Em 1953, nasce sua filha Georgiana. Compõe seu primeiro samba, música e letra, "Quando tu passas por mim". Faz crônicas diárias para o jornal "A Vanguarda" e colabora no tabloide semanário "Flan", de "Última Hora". Parte para Paris como segundo secretário de Embaixada. Escreve *Orfeu da Conceição*, obra que seria premiada no Concurso de Teatro do IV Centenário da Cidade de São Paulo no ano seguinte, e que teve montagem teatral em 1956, com cenários de Oscar Niemeyer. Posteriormente transformada em filme (com o nome de *Orfeu negro*) pelo diretor francês Marcel Camus, em 1959, obteve grande sucesso internacional, tendo sido premiada com a Palma de Ouro no Festival de Cannes e com o Oscar, em Hollywood, como o melhor filme estrangeiro do ano. Nesse filme acontece seu primeiro trabalho com Antônio Carlos Jobim (Tom Jobim). Sai da primeira edição de sua *Antologia Poética*. A revista "Anhembi" publica *Orfeu da Conceição*, em 1954.

No ano seguinte, compõe, em Paris, uma série de canções de câmara com o maestro Cláudio Santoro. Começa a trabalhar para o produtor Sasha Gordine, no roteiro do filme *Orfeu negro*. Volta ao Brasil em curta estada, buscando obter financiamento para a realização do filme. Diante do insucesso da missão, retorna a Paris em fins de dezembro. Em 1956, retorna à pátria, no gozo de licença-prêmio. Nasce sua filha, Luciana. A convite de Jorge Amado, colabora no quinzenário "Para Todos", onde publica, na primeira edição, o poema *O operário em construção*. A peça *Orfeu da Conceição* é encenada no Teatro Municipal, que aparece também em edição comemorativa de luxo, ilustrada por Carlos Scliar. As músicas do espetáculo são de autoria de Antônio Carlos Jobim, dando início a uma parceria que, tempos depois, com a inclusão do cantor e violonista João Gilberto, daria início ao movimento de

renovação da música popular brasileira que se convencionou chamar de bossa nova. Retorna ao posto, em Paris, no final do ano.

Publica *Livro de Sonetos*, em edição de Livros de Portugal, em 1957. É transferido da Embaixada em Paris para a Delegação do Brasil junto à UNESCO. No final do ano é transferido para Montevidéu, regressando, em trânsito, ao Brasil. Em 1958, sofre um grave acidente de automóvel. Casa-se com Maria Lúcia Proença. Parte para Montevidéu. Sai o LP "Canção do amor demais", de músicas suas com Antônio Carlos Jobim, cantadas por Elizete Cardoso. No disco ouve-se, pela primeira vez, a batida da bossa nova, no violão de João Gilberto, que acompanha a cantora em algumas faixas, entre as quais o samba "Chega de saudade", considerado o marco inicial do movimento.

1959 marca o lançamento do LP "Por toda a minha vida", de canções suas com Jobim, pela cantora Lenita Bruno. Casa-se sua filha Susana. No ano seguinte, retorna à Secretaria de Estado das Relações Exteriores. Em novembro, nasce seu neto Paulo. Sai a segunda edição de sua *Antologia Poética*, uma edição popular da peça *Orfeu da Conceição e Recette de femme et autres poèmes*, tradução de Jean-Georges Rueff. Começa a compor com Carlos Lyra e Pixinguinha. Aparece *Orfeu negro*, em tradução italiana de P. A. Jannini, em 1961. Dá início à composição de uma série de afro-sambas, em parceria com Baden Powell, entre os quais "Berimbau" e "Canto de Ossanha". Com Carlos Lyra, compõe as canções de sua comédia musicada *Pobre menina rica*. Em agosto desse ano, 1962, faz seu primeiro *show*, que obteve grande repercussão, ao lado de Jobim e João Gilberto, na boate "Au Bon Gourmet", iniciando a fase dos "*pocket-shows*", onde foram lançados grandes sucessos internacionais como "Garota de Ipanema" e "Samba da benção". Na mesma boate, faz apresentação com Carlos Lyra para apresentar "Pobre menina rica", ocasião em que é lançada a cantora Nara Leão. Compõe, com Ary Barroso, as últimas canções do grande mestre da MPB, como "Rancho das Namoradas". É lançado o livro *Para viver um grande amor*. Grava, como cantor, um disco com a atriz e cantora Odete Lara.

Em 1963, inicia uma parceria que produziria grandes sucessos com Edu Lobo. Casa-se com Nelita Abreu Rocha e retorna a Paris, assumindo posto na Delegação do Brasil junto à UNESCO. No início da revolução de 1964, retorna ao Brasil e colabora com crônicas semanais

para a revista "Fatos e Fotos", ao mesmo tempo em que assinava crônicas sobre música popular para o "Diário Carioca". Começa a compor com Francis Hime. Com Dorival Caymmi, participa de show muito sucesso na boate Zum-Zum, onde lança o Quarteto em Cy. Desse *show* é feito um LP.

1965 marca o lançamento de *Cordélia e o peregrino*, em edição do Serviço de Documentação do Ministério de Educação e Cultura. Ganha o primeiro e segundo lugares do I Festival de Música Popular de São Paulo, da TV Record, em canções de parceria com Edu Lobo e Baden Powell. Parte para Paris e St. Maxime para escrever o roteiro do filme "Arrastão". Indispõem-se com o diretor e retira suas músicas do filme. Parte de Paris para Los Angeles a fim de encontrar-se com Jobim. Muda-se de Copacabana para o Jardim Botânico, à rua Diamantina, 20. Começa a trabalhar no roteiro do filme "Garota de Ipanema", dirigido por Leon Hirszman. Volta ao *show* com Caymmi, na boate Zum-Zum. No ano seguinte é lançado o livro *Para uma menina com uma flor*. São feitos documentários sobre o poeta pelas televisões americana, alemã, italiana e francesa. Seu "Samba da benção", em parceria com Baden Powell, é incluído, em versão do compositor e ator Pierre Barouh, no filme "Un homme... une femme", vencedor do Festival de Cannes do mesmo ano. Vinicius participa do júri desse festival.

Em 1967, sai a sexta edição de sua *Antologia Poética* e a segunda de *Livro de Sonetos* (aumentada). Faz parte do júri do Festival de Música Jovem, na Bahia. Ocorre a estreia do filme "Garota de Ipanema". É colocado à disposição do governo de Minas Gerais no sentido de estudar a realização anual de um Festival de Arte em Ouro Preto. Falece sua mãe, em 25 de fevereiro de 1968. Aparece a primeira edição de sua *Obra Poética*. Seus poemas são traduzidos para o italiano por Ungaretti.

Em 1969, é exonerado do Itamaraty. Casa-se com Cristina Gurjão, com quem tem uma filha chamada Maria. No ano seguinte, casa-se com a atriz baiana Gesse Gessy. Inicia parceria com o violonista Toquinho. Em 1971, muda-se para Salvador, Bahia. Viaja pela Itália, numa espécie de autoexílio. No ano seguinte, com Toquinho, lança naquele país o LP "Per vivere un grande amore".

A *Pablo Neruda* é lançado em 1973. Trabalha, no ano seguinte, no roteiro, não concretizado, do filme "Polichinelo". Participa de *show* com Toquinho e a cantora Maria Creuza, no Rio. Confirmando os boatos de que o governo o perseguia, excursiona pela Europa e grava dois discos na Itália com Toquinho, em 1975. Em 1976, novo casamento, agora com Marta Rodrigues Santamaria. Escreve as letras de "Deus lhe pague", em parceria com Edu Lobo. Participa de *show* na casa de espetáculos "Canecão", no Rio, com Tom Jobim, Toquinho e Miúcha. Grava um LP em Paris, com Toquinho, em 1977.

No ano seguinte, excursiona com Toquinho pela Europa. Casa-se com Gilda de Queirós Matoso. Em 1979, participa de leitura de poemas no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo (SP), a convite do líder sindical Luiz Inácio Lula da Silva. Voltando de viagem à Europa, sofre um derrame cerebral no avião. Perdem-se, na ocasião, os originais de *Roteiro lírico e sentimental da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*.

No dia 17 de abril de 1980, é operado para a instalação de um dreno cerebral. Morre, na manhã de 09 de julho, de edema pulmonar, em sua casa na Gávea, em companhia de Toquinho e de sua última mulher³.

A obra de José Castello sobre a vida de Vinícius de Moraes é dividida em dez partes. Cada parte recebe um título de acordo com a fase da vida do poeta, seguindo uma narrativa cronológica, o autor começa com o dia do nascimento do biografado e termina com o dia de sua morte (conforme resumo feito acima baseado nessa obra). Uma biografia com muitos

³ O livro de José Castello vai até a data de morte de Vinícius de Moraes em 9 de julho de 1980. Segue alguns dados complementares após essa data. Em 1991 é publicado o *Livro de Letras*, onde estão mais de 300 letras de músicas de autoria de Vinícius, com melodias suas e de um sem número de compositores, ou parceirinhos, como carinhosamente os chamava. Em 1992, é lançado um livro que hibernou anos junto ao poeta: *Roteiro Lírico e Sentimental da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, onde Nasceu, Vive em Trânsito e Morre de Amor o Poeta Vinicius de Moraes*. No ano seguinte, uma coletânea de poesias é publicada no livro *As Coisas do Alto - Poemas de Formação*, mostrando a processo de formação do poeta, que é uma descida do topo metafísico à solidez do cotidiano. Em 1996, é lançado livro de bolso com o título *Soneto de Fidelidade e outros poemas*, a preços populares. Essa publicação fica diversas semanas na lista dos mais vendidos, o que vem mostrar que mesmo após 16 anos de seu desaparecimento, sua poesia continuava viva entre nós. Em 2001, a indústria de perfumes Avon lança a "Coleção Mulher e Poesia - por Vinicius de Moraes", com as fragrâncias "Onde anda você", "Coisa mais linda", "Morena flor" e "Soneto de fidelidade". Inconstante no amor (seus biógrafos dizem que teve, oficialmente, 09 mulheres), um dia foi questionado pelo parceiro Tom Jobim: "Afimal, poetinha, quantas vezes você vai se casar?". Num improviso de sabedoria, Vinicius respondeu: "Quantas forem necessárias." No dia 08/09/2006, é homenageado pelo governo brasileiro com sua reintegração *post mortem* aos quadros do Ministério das Relações Exteriores, ocasião em que foi inaugurado o "Espaço Vinicius de Moraes" no Palácio do Itamaraty - Rio de Janeiro (RJ). Acesso em 16 de janeiro de 2014 do site <http://www.viniciusdemoraes.com.br>.

detalhes, meu questionamento é a respeito de algumas passagens muito "pessoais" do poeta. Me indaguei no sentido de que maneira o biógrafo José Castello conseguiu captar detalhes dos mais íntimos? O texto final acaba tendo uma versão romanceada da biografia.

O texto biográfico, enquanto gênero caracterizado pela narrativa da vida e descrição do caráter de um indivíduo, busca a reconstituição de uma personalidade e a construção de um conhecimento acerca dessa personalidade. Não é oferecida nenhuma linha de abordagem crítica, todos os acontecimentos são apresentados como um trailer cinematográfico, o livro cita as pessoas que influenciaram o poeta em suas diferentes fases, as diferenças com Tom Jobim, a sua atuação como diplomata, os relacionamentos amorosos reconhecidos (e mais as incontáveis amantes) do poeta e compositor, versa ainda sobre a gestação da bossa-nova (na qual Vinícius teve participação primordial), e o porquê do governo militar ter implicado tanto com ele (e outros). A cronologia é um pouco confusa e dá a sensação de que o José Castello não conseguiu se decidir entre fazer uma biografia linear e um ensaio biográfico. Ele também parece muito preocupado em garantir um lugar para o Vinicius no Panteão da Literatura, mas não explica qual o legado de Vinicius em termos estritamente literários e o que faria merecer esse lugar no tal Panteão. E também não deixa claro qual a importância de Vinicius como homem de cultura "lato sensu". O livro parece se perder às vezes entre o anedótico e o desejo de traçar um perfil abrangente da complexa personalidade de Vinicius de Moraes. Mas, com todos os questionamentos que a obra levanta (e que vão se acentuando na medida em que avança a leitura), o personagem é fascinante e se sobrepõe a tudo.

Segundo o autor, o texto está todo centrado em pesquisa empírica e em entrevistas com pessoas que conviveram com o poeta. Essa pesquisa empírica⁴ ajuda a reconstituir os episódios de vida do poeta, mas é realizado um processo de seleção dos momentos ou episódios que o autor julgou necessários para a construção do seu discurso biográfico. E em nenhum momento é apontado, seja em nota de rodapé ou no próprio corpo do texto, os documentos utilizados para aquela conclusão. As fontes das informações sobre a vida do poeta ficam ocultas, em detrimento de um texto romanceado. O poeta que, em meio a

⁴ Seu trabalho de pesquisa é notável e merecedor de forte aplauso. O livro pode ser descrito como um pouco denso e soturno até ao 1.º casamento do Vinicius, mas depois se transforma num romance da vida real bem encadeado e com cuidado nos detalhes.

aristocráticos salões, estúdios de gravação, palcos de universidades, terreiros de macumba, botequins e nove casamentos, fez uma das mais singulares travessias da arte brasileira, unindo o mundo erudito da alta poesia à atmosfera lírica do que há de melhor na nossa música. Comenta sobre a bossa-nova, suas criações poéticas, os nomes importantes da área musical e do aficionado por cinema. Ao poeta Vinícius de Moraes, contudo, é negada uma investigação mais afortunada do pai, uma vez que apenas cita o nascimento de seus cinco filhos e algumas participações que os filhos mais velhos tiveram na área artística.

O homem que encantou o mundo ao escrever "Garota de Ipanema", e que morreu vencido pelos excessos de sua vida atribulada (com papel especial reservado ao álcool), ganha um olhar carinhoso de José Castello que inicia o livro tentando entender criticamente o Vinicius poeta. Muitas vezes abandona a trajetória de Vinícius, para embarcar em interpretações um tanto acadêmicas de aspectos de sua obra. Felizmente, a partir da metade do livro, mais ou menos quando passa a abordar a opção definitiva do poetinha pela música, o texto ganha, e muito, em intensidade dramática compensando a primeira parte. Ainda que um certo apego ao "rigor histórico" pudesse torná-lo melhor, "Vinicius- O Poeta da paixão" cumpre bem o papel de fornecer um panorama importante da vida de Vinicius de Moares, que diga-se de passagem, de "poetinha" não tinha nada. Era um "poetão".

Ao leitor desinformado, que pouco ou nada conhece de Vinícius, porém, a obra encerra a ideia de uma biografia detalhada. Por isso mesmo, tem seu mérito. Pois o Poetinha, sendo um sonetista peculiar, um lírico nato, um compositor original e libertador de amarras na música popular brasileira, e – sim, reconheçamos – um dândi carioca dado a flunar entre as mulheres, e que, vivendo 67 anos, parece ter existido o dobro do tempo, de tanto que criou, produziu, viveu – e, claro! – namorou; ainda assim nos surpreendemos com alguns que, mesmo repetindo versos seus a granel, não conhecem a sua obra. Por esse motivo, a obra acaba por adquirir ares de importância despertando uma vontade de conhecer melhor nosso Poetinha maior.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

- AUGUSTO, Sergio. *Cancioneiro Vinicius de Moraes: Biografia e Obras escolhidas*. Jobim Music. (edição bilíngue), 2007.
- CARNEIRO, Geraldo. *Vinicius de Moraes por Geraldo Carneiro*. RJ: Editora Espaço Cultural Toca do Vinícius, 1997.
- CHEDIAK, Almir. *Vinicius de Moraes Songbook (3 Volumes)*. Lumiar Editora, 1993.
- CASTELLO, José. *O Poeta da Paixão*. SP: Cia. das Letras, 1994.
- CASTELLO, José. *Vinicius de Moraes - Uma Geografia Poética*. (Coleção Perfis do Rio). RJ: Ed. Relume Dumará, 1996.
- CASTRO, Ruy. *Chega de Saudade*. SP: Cia das Letras, 1999.
- LYRA, Pedro. *Vinicius de Moraes*. Coleção Nosso Clássicos. RJ: Editora Agir, 1983.
- MARRACH, Sonia. *A Arte do Encontro de Vinicius de Moraes*. SP: Editora Escuta, 2000.
- MOTTA, Nelson. *Noites Tropicais: Solos, improvisos e memórias musicais*. RJ: Editora Objetiva, 2000
- PECCI, João Carlos. *Vinicius sem ponto final*. SP: Editora Saraiva, 1994.
- "Vinicius de Moraes - *O múltiplo das paixões* (biografia)", Coleção "Gente do Século", Revista "Isto É Gente" nº 1, de 29/11/1999.